

PAISAGENS, CIDADES, NATUREZA

Curso de extensão no Instituto de Estudos Brasileiros da USP

19 de agosto a 21 de outubro de 2009

Coordenação Geral:

Prof. Hugo Segawa

Profa. Ana Paula Torres Megiani

Prof. Euler Sandeville Jr.

Não é preciso apelar para os cépticos gregos para se evidenciar que *Paisagem*, *Cidade* e *Natureza* são palavras que evocam tropos de suspensão, em cujos enunciados resultam em oposições e até mesmo contradições, sobre os quais é difícil afirmar um único juízo. A polissemia desses termos, no mundo contemporâneo, é um desafio para os tantos que lidam em torno de temas nos quais essas três palavras circulam livremente, com conotações e denotações instigando as inteligências menos acomodadas.

Maior provocação é tentar estabelecer uma secante interceptando os três termos e procurar formular uma equação nas quais as incógnitas parecem se desdobrar e as derivadas se multiplicar. Longe de pretender uma solução, o presente ciclo de conferências é uma tentativa de confrontação de estudiosos de História, Arte e Arquitetura por interlocuções em torno das relações entre paisagens, cidades e natureza, contemplando fenômenos, objetos ou narrativas do século 15 ao século 20 na Europa e na América. Aproximações não totalizadoras, não-evolucionistas, reunindo abordagens distintas segundo recortes conforme a contribuição de cada conferencista oferecendo a sua apreensão de acordo com sua sensibilidade disciplinar ou inter/multidisciplinar. Representações, imaginários, repertórios, linguagens, mediante olhares sobre fontes ou suportes como cartografias, pinturas, gravuras, desenhos, fotografias,

literaturas, diários de viagens, sugerem menos um percurso e mais uma percepção das transformações, pela constituição da riqueza de entendimentos sobre as paisagens, cidades e naturezas em diferenciados recortes temporais e territoriais.

19 de agosto

Natureza e Cidade no Renascimento

Mario Henrique Simão D'Agostino

Na tratadística de arquitetura do Renascimento Italiano as concepções de cidade partem todas do *topos* vitruviano da analogia entre o edifício e o corpo humano. Vitruvius ponderava, nos Livro Primeiro e Terceiro do *De Architectura* (I a.C.), que, para se alcançar a perfeição, harmonia e súpura beleza dos edifícios, os arquitetos deveriam tomar como exemplo a *symmetria* do "homem bem configurado", aditando esquemas do *homo ad quadratum* e *ad circulum*. Tal imagem, e as conotações platônicas que comporta desde o nascedouro, propiciarão diferenciadas aproximações entre corpo, arquitetura e cidade no Renascimento. Quer pelas correspondências evocadas entre micro e macrocosmo, a ensejar desenhos de cidade consoantes a modelos políticos de ordem da natureza, como pelas associações com a Retórica, em particular com a noção de *decorum* (segundo o modelo da "ossatura e suas carnes", da cidade como "conveniência", em conformidade com a natureza dos homens e dos lugares), a analogia corpórea é referencial. Tendo em conta a amplitude semântica da imagem matriz, pode-se melhor avaliar a propalada *città ideale* do Renascimento.

Mário Henrique Simão D'Agostino é Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Autor, dentre

outros estudos, de Geometrias Simbólicas da Arquitetura. Espaço e ordem Visual do Renascimento às Luzes (São Paulo, Hucitec, 2007).

26 de agosto

Jardins de Coleções do Maneirismo ao Barroco

Ana Paula Torres Megiani

Embora a noção de coleção não esteja presente no vocabulário até a segunda metade do século 17, desde o Renascimento são conhecidas na Europa notícias e inventários de conjuntos de objetos exóticos, animais e plantas integrados a galerias de pinturas e esculturas. *Câmaras de maravilhas, Gabinetes de curiosidades*, bibliotecas e jardins localizados em propriedades das elites cortesã e eclesiástica tornaram-se ambientes de fruição e intercâmbio de conhecimentos entre artistas e intelectuais. A “moda” dos jardins de arte e coleções se difunde, ao longo do século 16, a partir das cortes e academias italianas, para a Península Ibérica, França, Inglaterra e Alemanha, tornando-se ambientes privilegiados que reuniam imagens da natureza e paisagens, mescladas a plantas e animais – vivos ou empalhados. Criaram ainda redes de correspondências entre os colecionadores de cortes distantes, integrando artistas, filósofos e os mais diversos tipos de letrados que cultivavam as artes da memória, ao lado das expressões plásticas. As coleções surgidas nesse contexto dos jardins e gabinetes maneiristas formaram os acervos originais de alguns dos mais importantes museus da época barroca, quando arte e natureza se separam em dois campos do conhecimento.

Ana Paula Torres Megiani é Professora Doutora do Departamento de História da USP, com pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Universidad Complutense de Madrid. É autora, dentre outros livros, de O rei ausente: festas e cultura política nas visitas dos Filipes a Portugal 1581 e 1619 (São Paulo, Alameda, 2004).

2 de setembro

A construção da paisagem jesuítica na América Portuguesa

Renato Cymbalista

Na inserção da América na história cristã, os jesuítas buscaram na paisagem encontrada na América sinais de uma antiga ocupação cristã, provas de que a palavra de Cristo já havia atingido o território americano. Do ponto de vista de uma conquista dos territórios pagãos para um futuro cristão, eram necessários sinais presentes do florescimento do corpo de Cristo na América.

Nesse processo, os jesuítas viam-se como soldados de uma cristandade em guerra, encarregados de marcar essa luta na paisagem. Incidindo sobre o passado e o presente da paisagem com provas materiais da presença cristã na América Portuguesa, buscando a revelação do corpo místico da cristandade nos territórios recém-conquistados, os padres da Companhia construíram um projeto próprio de colonização entre os séculos 16 e 18. Tal projeto – nem sempre coincidente com os objetivos da Coroa portuguesa – foi fundamental para a viabilização da colonização do território que viria a constituir o Brasil. Pretende-se apresentar e debater as especificidades do projeto colonial dos padres da Companhia no que diz respeito à paisagem da América Portuguesa.

Renato Cymbalista é arquiteto, Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e pós-doutorando no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Foi coordenador do núcleo de urbanismo do Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais.

16 de setembro

Cidade e cartografia do Novo Mundo

Iris Kantor

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno

Em livros de viagem, atlas e na cartografia avulsa dos séculos 16, 17 e 18I abundam planos e vistas das cidades das Américas. Representações gravadas na Europa, em geral por editores que jamais estiveram no Novo Mundo, reduziam nossas cidades a uma série de tropos topográficos que apenas serviam para evocar a imagem de uma cidade europeia num entorno vagamente americano e um tanto exótico. Na maioria dos casos, não se tratava de oferecer uma vista topograficamente exata da cidade, com características arquitetônicas próprias e únicas, mas de representar a idéia genérica de *urbs*, moldada especificamente nos padrões europeus. Interessa-nos, portanto, analisar esse gênero de representação da paisagem urbana presente nos livros de Joris van Spilbergen (1619), Johannes de Laet (1644), Arnoldus Montanus (1671), François Froger (1698), Amadée François Frézier (1716), Van der Aa (1729), bem como nos atlas e na cartografia avulsa do período – todos eles pertencentes à coleção do IEB-USP -, focalizando os mecanismos de sua produção, circulação e consumo na Europa, que consagraram um repertório de imagens urbanas e humanas das Américas, funcionando, ao mesmo tempo, como produtos e vetores de dinamização do processo de expansão ultramarina europeu.

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno é Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, autora da tese Desenho e desígnio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822) (2001). Colaborou nas pesquisas realizadas por Nestor Goulart Reis para o livro Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial (2000), trabalhou na curadoria de exposições de cartografia no Museu Paulista (USP), Pinacoteca do Estado de São Paulo e IEB-USP.

Iris Kantor é Professora Doutora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, com pós-doutorado na Yale University. Autora de Esquecidos & Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana 1724-1759 (São Paulo, HUCITEC/CEB, 2004), trabalhou na curadoria de exposições de cartografia no Museu Paulista (USP), Pinacoteca do Estado de São Paulo e IEB-USP.

23 de setembro

Alamedas e passeios na América Colonial

Hugo Segawa

A criação do primeiro espaço público ajardinado na cidade do México em 1592 e de vários recintos dessa natureza na América entre os séculos 16 e 18 levantam questões sobre a paisagem das cidades no Ocidente. Diferentemente dos jardins públicos europeus, patrocinados pela nobreza, cenário de encontro da vida aristocrática e burguesa, as alamedas e passeios latino-americanos foram criações de vice-reis e governadores numa sociedade dividida entre colonizadores e nativos, os dirigentes, os homens livres e os escravos. Os espaços abertos na política de domínio territorial espanhola ou portuguesa eram assinalados pelos edifícios-símbolos do poder, e a toponímia revela esse caráter: plaza mayor, largo do pelourinho, plaza de San Francisco, largo da Sé, etc. As *alamedas* no mundo hispânico e os *passeios* no lado português

são contrapartidas contemporâneas e até *anteriores* aos principais jardins públicos estabelecidos na Europa. Inúmeros recintos no México, Chile, Colômbia, Peru, Cuba, Argentina e Brasil (como os passeios do Rio de Janeiro, Goiás e Belém) são realizações não registradas nas diretrizes oficiais de urbanização no período.

Hugo Segawa é Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Autor, entre outros livros, de Ao Amor do Público: Jardins no Brasil (São Paulo, Studio Nobel/Fapesp, 1996).

30 de setembro

Paisagistas franceses na América do Sul

Guilherme Mazza Dourado

Se houve uma presença estrangeira que impulsionou de modo particular o desenvolvimento da cultura paisagística na América do Sul, foi a circulação de paisagistas franceses pelo continente, entre 1820 e 1920. A repercussão internacional da reforma de Paris, que galgou o posto de uma das mais belas capitais verdes da Europa oitocentista, selou definitivamente o prestígio desses profissionais perante as elites de cá. E fez com que eles se tornassem mais requisitados para trabalhar na atualização das feições de várias cidades sul-americanas, executando parques, praças e programas de arborização viária. A conferência trata desse movimento de profissionais franceses na Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, destacando o trabalho de Édouard André, Eugène Cortois, Charles Thays, Joseph Bouvard, Pedro Margat, Charles e Louis-Ernest Racine, Édouard Gauthier, Georges Dubois, Grandjean de Montigny, Jean Binot,

Auguste Glaziou, Paul Villon, Jules Vacherot e Cochet, entre outros.

Guilherme Mazza Dourado é arquiteto, Doutor pela Escola de Engenharia de São Carlos da USP. Autor de Modernidade Verde. Jardins de Burle Marx (São Paulo, Senac/Edusp, no prelo); organizador de Visões de Paisagem. Um Panorama do Paisagismo Contemporâneo no Brasil (São Paulo, ABAP, 1997)

7 de outubro

A representação da cidade nos livros de viagem

Valéria Piccoli

Os álbuns de “viagens pitorescas” constituem um gênero literário popularizado em finais do século 18, que combina linguagem escrita e visual na descrição do outro a partir de suas particularidades. Em acordo com a função pedagógica que o Iluminismo atribuiu aos artistas, as ilustrações desses álbuns deveriam ao mesmo tempo ensinar e divertir. Para tanto, elas obedecem a certos modos de representação, em que tem destaque a noção de “pitoresco”, que as artes visuais emprestam ao desenho de jardins e às práticas de contemplação da natureza.

Sob esta ótica, pretende-se examinar vistas urbanas presentes em álbuns de viagem ao Brasil publicados na primeira metade do século 19 de artistas como Johann Moritz Rugendas, Jean-Baptiste Debret, Henry Chamberlain e Karl von Planitz. A comparação com ilustrações de livros de viagem a outros países servirá para caracterizar certas tipologias de representação que perpassam o gênero literário em questão.

Valéria Piccoli é pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Crítica e História da Arte da Pinacoteca do Estado. Dedicou-se a

pesquisas sobre arte brasileira, em especial no século XIX, tendo participado da curadoria de exposições como O Brasil dos viajantes (MASP e CCB/Lisboa, 1994), 24ª Bienal de São Paulo (1998), O Brasil Redescoberto (Paço Imperial, 1999) e Facchinetti (CCBB/RJ, 2004)

14 de outubro

Cidades-Jardins no Brasil Moderno

Carlos Roberto Monteiro de Andrade

Identifica-se em várias cidades no Brasil, entre o final do século 19 e o início dos anos 1960, a presença da concepção inglesa de cidade-jardim. Realizações urbanísticas no interior de nossas cidades trazem elementos desse ideário – como os bairros e subúrbios-jardins construídos nos principais centros urbanos –, bem como as cidades novas, em seus distintos tipos – cidades capitais, de colonização, empresariais ou estâncias balneárias – podem ser analisadas procurando-se estabelecer as especificidades de seus planos urbanísticos e as formas peculiares como os princípios de cidade-jardim foram aplicados. Além de apresentar um repertório de realizações que apontam para a relevância da idéia de cidade-jardim na configuração da paisagem de inúmeras cidades brasileiras que buscaram se modernizar através de suas formas urbanas, pretende-se discutir também algumas questões-chaves para se compreender a assimilação de concepções urbanísticas européias – muitas delas trianguladas pelos Estados Unidos – no desenho de cidades no Brasil.

Carlos Roberto Monteiro de Andrade é Professor Doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da USP, arquiteto e bacharel em Ciências Sociais com pós-doutorado junto ao Politécnico de Milão. Foi responsável pela edição brasileira do livro de Camilo Sitte, A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos (São Paulo, Ática, 1992).

21 de outubro

Paisagem, jardins e modernidade

Euler Sandeville Jr.

No Brasil do século 19 a condição tropical do país inspira uma visão romântica da natureza na construção de uma identidade nacional. No início do século 20 essa condição desdobra-se em projetos que incorporam e ampliam a discussão das “raízes” do país frente a um desejo e necessidade de modernização em várias áreas da cultura. Em São Paulo, com a economia do café, a diversificação de atividades, o crescimento urbano e a atualização dos modos de vida, os “modernistas” concebem um projeto que integra a memória do passado colonial e a natureza tropical em uma recriação da contribuição das vanguardas européias com as quais estão em contacto. Em certo sentido, os trabalhos de Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e outros antecipam um referencial estético e simbólico que permitirá a elaboração de um programa paisagístico peculiar à habitação e à cidade industrial brasileira. No entanto, desafiando a paisagem prevalecente até então, permanece como um fato artístico e ambiental isolado e distinto na cidade. Esta tensão entre modernidade e tradição, entre natureza e cidade, entre artes e arquitetura, foi fundamental para a elaboração de uma proposição e uma linguagem modernista no paisagismo brasileiro, contribuindo para novos olhares para a paisagem.

Euler Sandeville Jr. É Professor Doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Coordenador do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM/USP), vice-coordenador da área Paisagem e Ambiente do Programa de Pós-Graduação da FAU USP, arquiteto e arte-educador.